

MARÉ CHEIA EM 2008

POR MERI ROCHA E ALICE DUARTE, DE CURITIBA (PR)

PERSPECTIVAS SÃO DE QUE O CENÁRIO FAVORÁVEL NA CONSTRUÇÃO CIVIL SE MANTENHA ESTE ANO, O QUE DEVE BENEFICIAR OS MOVELEIROS

Inflação baixa, aumento da massa salarial e acesso ao crédito. Fatores que, segundo os analistas, fizeram de 2007 um dos melhores anos para a construção civil brasileira. De acordo com dados do Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado de São Paulo (Sinduscon-SP), o setor fechou o ano com crescimento de 7,9%. Eduardo Zaidan, diretor de economia do Sinduscon-SP, informou à *Móveis de Valor*, por meio da assessoria de imprensa da entidade, que a previsão é de que o setor de construção civil cresça em média 8% ao ano até 2010. Perspectiva que anima também empresários dos segmentos de móveis, decoração e materiais de construção, que se beneficiam com esta expansão.

Pesquisa da Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomercio-SP) destaca o varejo de material de construção entre os segmentos de melhor desempenho em São Paulo, com alta de 16% no fechamento do ano e 20,6% em dezembro, no comparativo com o mesmo mês de 2006. De acordo com dados da Associação Brasileira da Indústria de Materiais de Construção (Abramat), o faturamento total do setor de materiais de construção no mercado interno apresentou crescimento de 15,47% em 2007 na comparação com os resultados de 2006.

O bom desempenho tem animado os empresários deste segmento, como mostra a 33ª Sondagem da Construção, feita



Kelly Carvalho, da Fecomercio-SP: "Crédito mais caro, mas ainda facilitado"

Divulgação/Fecomercio

pelo Sinduscon-SP em parceria com a Fundação Getúlio Vargas (FGV). Em relação às perspectivas de desempenho das empresas para este ano, há um clima de otimismo jamais visto, pelo menos desde 1999, quando a pesquisa passou a ser realizada. A este respeito, de acordo com análise do Sindus-

con, este ano o mercado imobiliário continuará aquecido, impulsionado pelo crédito e também pelas obras de infra-estrutura do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), do governo federal. Mesmo com a desaceleração da economia norte-americana, a expectativa é de que não haverá efeitos no setor este ano, pois as obras de médio e grande porte já estão contratadas.

Retomando os resultados da sondagem, a perspectiva de bom desempenho das empresas é um reflexo da diminuição de dificuldades financeiras, mesmo com a previsão de aumento de custos na construção. Outros fatores positivos apontados pelos empresários são o sucesso da política econômica, o crescimento econômico e a inflação ainda baixa, apesar de indicadores ascendentes. O segmento da construção civil que vai apoiar o crescimento do setor este ano é o de infra-estrutura. Além das obras do PAC – que começou tímido no ano passado –, este é ano de eleições municipais e, assim, das populares obras de final de mandato.

Já no segmento imobiliário, justamente aquele que mais impulsiona o mercado moveleiro, o crescimento da demanda tem no aumento da oferta do crédito, e principalmente dos prazos, um grande motivador. Em São Paulo, segundo informações do Sinduscon, já existem construções financiadas em até 400 vezes (mais de 30 anos), com juros de 7,66% ao ano (mais TR – taxa referencial) para correntistas do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS). Já com recursos da poupança, este financiamento varia de 9% a 12% (mais TR).

Até dois anos atrás, os bancos custeavam no máximo 25 anos e hoje já fazem empréstimos em até 30 anos, o



Construção de ponte na BR-364, em Rondônia. Obras de infra-estrutura do PAC devem impulsionar construção civil este ano, aponta pesquisa do Sinduscon-SP

Divulgação/Roeswett Pinheiro-Abri

que possibilita este financiamento em 400 vezes (os primeiros 40 meses são financiados diretamente com a construtora). A disputa dos bancos para oferecer juros menores (ainda que bastante altos) é acirrada e se justifica: o financiamento imobiliário mantém o cliente ligado à instituição por tempo superior a 20 anos.

Crédito mais caro

O ciclo de expansão do crédito imobiliário no Brasil deve seguir em ritmo acelerado este ano, mesmo com as preocupações de uma possível recessão nos Estados Unidos e o risco de contaminação mundial. Nas projeções dos bancos, não há espaço para pessimismo. Segundo informações divulgadas pela *Agência Estado*, a expectativa mais “conservadora” para este ano é de emprestar, apenas com recursos da poupança, cerca de R\$ 23 bilhões para a tão sonhada casa própria – um aumento de 26% em relação ao ano passado.

Com os recursos do FGTS – linha de financiamento que só no final do ano passado começou a ser operada também pelos bancos privados – esses valores devem aumentar ainda mais. De acordo com os bancos, a faixa de financiamento que mais crescerá a partir deste ano é aquela voltada para a classe média, entre R\$ 100 mil e R\$ 120 mil.

Apesar das expectativas positivas, com o pacote fiscal do governo depois da extinção da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) – que aumentou as alíquotas do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) e da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), entre outras medidas –, o cenário se modificou um pouco para o setor imobiliário. Segundo a assessora econômica da Fecomercio-SP, Kelly Carvalho, o aumento do imposto será repassado aos produtos e o financiamento ficará mais caro. “Mas o crédito ainda vai estar facilitado. O consumidor ainda prefere analisar se a parcela pode ou não caber no seu orçamento”, aposta. Apesar de 2007 ter sido muito bom para o setor, ela prevê que este ano o crescimento não seja tão vigoroso. “Mas acredito que, por outro lado, isso não irá conter o consumo”, analisa.

RESULTADOS DO COMÉRCIO

Segundo dados da Pesquisa Conjuntural do Comércio Varejista (PCCV) da Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomercio-SP), o faturamento real do comércio varejista na região metropolitana de São Paulo em 2007 foi 4,4% maior que no ano anterior, com aumento, em dezembro, de 4,6% na comparação com o mesmo mês de 2006. Conforme a entidade, as lojas de material de construção apresentaram o melhor desempenho, com alta de 16% no faturamento em 2007 e 20,6% no comparativo com o mesmo mês de 2006.

Outra boa notícia, que vem na esteira dos materiais de construção, é o bom desempenho do varejo de móveis e decorações, que apresentou crescimento acumulado em 2007 de 12,9%. Em dezembro, o crescimento foi de 16,3% em relação ao mesmo mês de 2006. O segmento teve desempenho positivo também na Pesquisa Conjuntural do Pequeno Varejo (PCPV) da Fecomercio, que indicou crescimento de 8,3% nas vendas de “móveis e decorações” em 2007 e de 2,2% em dezembro de 2006. Mas o pequeno varejo, no resultado geral, encerrou o ano em queda de 1,2%. Na comparação com dezembro de 2006, houve crescimento de 2,5%.

Serasa – Também de acordo com o Indicador Serasa de Atividade do Comércio, os resultados do varejo em 2007 foram positivos. O volume nacional de vendas do comércio varejista aumentou 9,6% em 2007, na comparação com 2006. É a maior alta desde 2001. As vendas das lojas do varejo especializado (móveis, eletroeletrônicos, veículos, etc.) cresceram 12,3% no ano passado, em relação ao ano anterior.

IBGE – A Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referente a dezembro de 2007, também aponta resultados positivos, mesmo que com variação nula no mês de dezembro sobre o mês de novembro do ano passado, tanto no volume de vendas (0,0%) quanto na receita nominal (0,4%), na série com ajuste sazonal. Na explicação dos técnicos do IBGE, “essa desaceleração, entretanto, não foi suficiente para mudar a tendência de crescimento”. Ainda na série ajustada, no acumulado do ano, de janeiro a dezembro, as vendas no varejo cresceram 9,9%, e a receita 14,1%. Em relação a dezembro de 2006, o volume de vendas cresceu 9,0% e a receita nominal 13,1%.

Com relação aos resultados gerais do comércio varejista, o segmento de “móveis e eletrodomésticos” teve o segundo maior impacto, correspondendo a 24% da taxa global de crescimento. Em vendas, o segmento atingiu 15,4% em relação ao ano anterior e 11,8% sobre dezembro de 2006. Já a receita nominal de móveis e eletrodomésticos registrou crescimento de 11,6% no ano e de 7,9% sobre dezembro de 2006.

Gargalos

O setor pode ainda enfrentar alguns possíveis gargalos, como revela a Sondagem da Construção feita pelo Sinduscon-SP. Um deles seria a falta de mão-de-obra qualificada. Conforme a pesquisa, os empresários também temem problemas no fornecimento de materiais de construção em razão da demanda aquecida.

De acordo com o sindicato, os fabricantes de materiais de construção já estão aumentando



Eduardo Zaidan, do Sinduscon-SP: "Crescimento médio de 8% ao ano até 2010"

a produção e ampliando a utilização da capacidade instalada das fábricas. Mas a entidade já observou aumento de preços nos últimos 11 meses na capital paulista superior ao Índice Nacional do Custo da Construção Civil (INCC), calculado pelo próprio Sinduscon, que foi de 5,5%. Já com relação à mão-de-obra, o sindicato informou que o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) está ampliando o número de cursos no setor.

EXPECTATIVAS PARA 2008 DE EMPRESÁRIOS E CONSUMIDORES

Segundo pesquisa a respeito das perspectivas empresariais para 2008, feita pela Serasa, o empresário brasileiro se mostra pessimista em relação à economia do País neste primeiro semestre. A pesquisa foi realizada de 7 a 14 de janeiro deste ano com 1.007 empresas de vários segmentos e portes. A expectativa de 63% dos empresários para os primeiros meses do ano é de aumento da inflação e manutenção dos patamares da taxa básica de juros. Desde o início da pesquisa, em 2006, é a primeira vez que esse temor ultrapassa 50% dos entrevistados. O setor de serviços (68% dos empresários), no que diz respeito aos preços, é o mais pessimista, seguido pelo comércio (61%), pela indústria (59%) e pelas instituições financeiras (51%). A maioria dos entrevistados (41%) aposta na manutenção da taxa Selic no primeiro trimestre e 39% apostam na mesma tendência também para todo o primeiro semestre de 2008.

Apesar deste prognóstico em relação ao faturamento, a pesquisa mostra perspectivas otimistas: 61% dos entrevistados esperam crescimento no primeiro trimestre de 2008, comparativamente ao mesmo período do ano passado. Nestes primeiros meses



do ano, 62% dos empresários da indústria, empatados com os do setor de serviços, esperam elevação do faturamento; no comércio, 60% dos entrevistados. Já para o primeiro semestre de 2008, o setor mais otimista é o comércio, que acredita repetir um bom ano, com 75% dos empresários esperando aumento do faturamento. Os segmentos de indústria e serviços ficam empatados com 69%.

Sondagem CNI – Já a Sondagem Industrial, divulgada pela CNI, o empresário da indústria prevê em 2008 a manutenção do ritmo de crescimento verificado no final do ano passado. O indicador de expectativa da demanda para os próximos seis meses se manteve em 59,4 pontos, o mesmo verificado em outubro do ano

passado. Por porte de empresas, as mais otimistas são as grandes, com 61 pontos. Segundo a metodologia da pesquisa, valores acima de 50 pontos indicam otimismo dos empresários. O indicador de expectativa de exportação nos próximos seis meses melhorou um pouco, passando de 48,3 pontos para 48,5 pontos. Porém, mantém-se o pessimismo.

Confiança do consumidor

– Apesar da postura receosa dos empresários com relação à inflação e juros do País, apontada pela Serasa, o humor do consumidor se mantém alto. De acordo com pesquisa da Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomercio-SP), a confiança do consumidor paulistano atingiu 147,3 pontos em fevereiro, alta de 3,1% em relação a janeiro. Este é o melhor patamar apurado pelo Índice de Confiança do Consumidor (ICC), desde fevereiro de 2005, quando o ICC registrou os mesmos 147,3 pontos. Já na comparação com o mesmo período do ano anterior, a elevação foi de 9,5% (134,5 pontos). O ICC varia de zero a 200 pontos, indicando pessimismo abaixo de 100 pontos e otimismo acima deste patamar.